



Três crônicas e uma poesia

Pedro Dantas

Apresentação de DECIO DE ALMEIDA PRADO

Pedro Dantas foi o nome adotado em suas andanças literárias e jornalísticas por Prudente de Moraes, neto, o Prudentinho, talvez para assim escapar à sombra tanto do seu ilustre avô, primeiro presidente civil da República do Brasil, quanto de seu primo, Prudente de Moraes Neto, conhecido como Prudentão.

Manuel Bandeira, que o cita com frequência nas *Crônicas da Província do Brasil* e que acolheu numerosas poesias suas na *Antologia de Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos*, entre as quais a intitulada *Auto-crítica*, reproduzida nesta revista, resumiu a sua carreira até 1946 nos seguintes termos:

"Nascido no Rio de Janeiro em 1904, fez os estudos secundários no Externato do Colégio Pedro II e o curso de Direito na Faculdade da Universidade do Brasil, bacharelando-se em 1926. Exerceu as cátedras de Técnica da Crítica e História Geral da Literatura na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, faculdade de que era diretor ao tempo da extinção daquela Universidade.

Começou a carreira literária fundando em 1924, com Sérgio Buarque de Holanda, a revista *Estética*, a qual exerceu grande influência no movimento modernista. Colaborou nas melhores revistas de vanguarda, como *Terra Roxa*, *Antropofagia*, *Revista Nova*, *Revista do Brasil* (na fase de Rodrigo M. F. de Andrade), e na revista *A Ordem* manteve durante algum tempo uma seção de crítica de poesia. Por encomenda do Ministério das Relações Exteriores escreveu uma excelente memória sobre o romance brasileiro. Nunca publicou livro, e a sua obra de poeta, contista e ensaísta jaz quase toda inédita. Atualmente escreve para o *Diário Carioca* crônicas sobre o "turf" e, no mesmo jornal, vem publicando as suas *Memórias*".

Por aí já se vê a importância que teve Pedro Dantas em nosso modernismo e se comprova a necessidade de resgatar o seu nome do esquecimento em que vai caindo. Por volta de 1960 ele era um dos cronistas políticos de *O Estado de S. Paulo*, encarregado de comentar os fatos do dia sob a perspectiva do Rio de Janeiro. Durante o Carnaval, entretanto, por três vezes, em anos consecutivos, abriu uma brecha para referir-se com simpatia não isenta de espírito crítico a essa grande festa, que por seu caráter popular falava muito de perto às suas preocupações estéticas e humanas de modernista da primeira hora. São essas crônicas que passamos a transcrever, devidamente autorizados pelo jornal onde saíram publicadas.

Sobre o carnaval (10/2/59)

Há muitos anos apregoa-se a decadência do carnaval carioca. De todos os pontos de vista: música e espírito popular, entusiasmo, alegria, afluência das multidões, competição entre os grandes e pequenos clubes que disputam nas diversas categorias uma vitória fundada em critérios

subjetivos e, por isso mesmo, sempre contestada, o que tem a vantagem de permitir que todos se consagrem a si mesmos como os únicos vencedores autênticos e celebrem cada qual a sua vitória com bailes e festas, que são como que retorninhos do carnaval.

Essa propalada decadência, muitíssimo discutível, será, provavelmente, menos uma verdade, um fato social, do que o fruto de um erro de observação. Uma festa coletiva da importância do carnaval carioca exigiria, para a medida de sua intensidade, de sua expansão ou de seu decréscimo, um estudo sério, com base em pesquisas cuidadosas, feitas com todo o possível rigor. E os espíritos sérios, por enquanto, não se animaram a empreender esse estudo, de modo que o carnaval é tratado, pelos que o comentam, sob critérios partidários - da condenação *a priori* e da má vontade dos seus detratores, que o abominam e repugnam, ao fanatismo dos seus devotos, em delírio de publicidade.

Nenhum dos dois métodos conduz a uma conclusão objetiva e correta. Quem se der, porém, ao trabalho de ver com seus próprios olhos e sem espírito prevenido, chegará, sem dúvida, a um resultado de ordem geral que parece válido: o carnaval não regride, transforma-se. Transforma-se sob a influência de inúmeros fatores de ordem social, econômica, técnica, moral e até mesmo política, dos quais recebe impulsos e características suficientes para lhe modificar a fisionomia e as tendências, desenvolvendo em novos rumos as suas linhas tradicionais.

Sem remontar aos tempos heróicos do entrudo, mas reportando-nos ao carnaval do período da Primeira Guerra, e aos dois anos subsequentes, verifica-se, por exemplo, que o corte do carnaval, além dos desfiles dos prêmios das chamadas "grandes sociedades" (na época, os Tenentes do Diabo, os Democráticos, os Fenianos) era o corso, os carros abertos entrelaçados de serpentinhas, em filas duplas, na avenida Rio Branco, e estendendo-se pela avenida Beira-Mar. Na terça-feira, à certa hora, a avenida Rio Branco era desocupada, para o desfile dos prêmios, e o corso transferia-se para o Russel, o Flamengo, até a avenida de ligação, hoje Osvaldo Cruz.

Era uma prática fadada a desaparecer, com a substituição dos carros abertos ou conversíveis, que se tornaram raridade, principalmente na praça. O desfile dos prêmios, por sua vez, tendia necessariamente a perder a significação de exaltado partidarismo de que participava toda a população. Essa natural tendência do espírito popular passou a satisfazer-se mais completamente, através das competições esportivas, principalmente o futebol. A paixão pelo Flamengo, o Vasco, o Botafogo, o Fluminense, etc., substituiu com vantagens o entusiasmo pelos Democráticos ou Tenentes, a cujo desfile, por outro lado, a cenografia espetacular do cinema e mesmo, em proporções mais modestas, mas não menos efetivas, a do teatro de revista, retirou boa parte da capacidade de sugestão.

A música popular, lançada com antecedência nos bailes pré-carnavalescos, e vulgarizada pelos pianos das casas de família, não passava de uma dezena, pois não dava dinheiro. Outra coisa que teria que mudar, com os progressos da gravação e o advento da era do rádio e, mais tarde, da televisão. O lançamento do samba "Papagaio louro", de J. B. Silva (Sinhô), foi feito "em cima" do carnaval, por um grupo de instrumentistas, amigos do compositor, que o executou em todos os pontos de movimento da cidade. O fundo político, dado o momento de intensa paixão política, facilitou a aceitação rápida. Hoje, não seria mais possível lançar um "sucesso", por essa forma. Sem rádio e sem os "disco-jockeys" do rádio, nada feito, nos domínios da música popular.

Na década de 20, do meio para o fim, nasceram as "escolas de samba". A primeira foi a do Estácio de Sá. Mas outras vieram, e evoluíram, não só nas ruas como no tempo, no sentido de uma simbiose com os antigos "ranchos" - desfiles com enredo e fantasias de luxo e até mesmo pequenas alegorias.

Constituem elas, hoje, o ponto alto do carnaval, como manifestação de arte popular. Sob a ditadura, porém, o governo oficializou o carnaval e impôs às "escolas" um regulamento, vigente até hoje, que lhes limita a imaginação, obrigando-as a enredos patrióticos, extraídos de episódios da história do Brasil. Quer-nos parecer que a história sofre mais do que culca, com semelhante exigência, e que seria preferível não misturar patriotismo com carnaval: seria melhor para ambos.

Finalmente, os bailes, os grandes bailes públicos de todas as categorias, do Municipal, do Quitandinha, dos hotéis de luxo e dos clubes aristocráticos, como dos menores clubes de bairros, dos teatros populares e das "gafieiras", dão trabalho e lucro certo a uma pequena multidão de interessados.

Passam as quatro noites repletos - e ainda sobra gente para o carnaval de rua, em blocos e cordões que se encontram por toda a imensa cidade, centro, bairros e subúrbios.

Nos velhos tempos, os bailes eram em casa de família ou não eram para famílias. Não há como negar que se perdeu muito da nitidez dessa linha divisória. Isto pode depor - e depõe - contra os costumes, mas provoca tudo, menos a decadência do carnaval.

Cantares de carnaval (1/3/60)

Até há bem pouco tempo, não havia carnaval que não desse, na sua música apropriada, uma ou mais obras-primas. Obras-primas do popularesco, já se vê, mas suscetíveis de tratamento e desenvolvimento eruditos, como tem acontecido com outras peças do gênero.

O fato é que existem "clássicos" da música popular, especialmente do samba, assim considerados não tanto os que se viram consagrados pelo êxito fulminante e avassalador, mas antes os que representam criações autênticas, no domínio da estética musical e criações geralmente expressivas do ponto de vista nacional, isto é, expressivas de um modo peculiar, brasileiro (e naturalmente urbano e carioca) de ser e de sentir.

Há que distinguir entre a qualidade e a aceitação popular de tais criações artísticas, muitas vezes "tiradas" na caixa de fósforos ou no assobio, embora, na maioria dos casos, uma e outra coisa coincidam. O povo descobre, quase sempre, as obras-primas que se geram no seu seio e as consagra no reconhecimento da sua autenticidade. Raras lhe terão escapado e, nesse caso, tudo é questão de tempo: com alguma insistência a consagração virá, infalivelmente.

Do ponto de vista crítico, entretanto, sua preferência carece da visão do conjunto e daquele mínimo de perspectiva histórica, indispensável para arrumar essas criações no tempo, atribuindo-lhes valor em função da originalidade. O público, esse grande público muito especial dos cantares carnavalescos, reage sob estímulos específicos e trata cada uma das composições que lhe são "servidas" – é o termo – sem se preocupar com suas eventuais ligações. Despreza, pois, o problema das influências e até mesmo o dos plágios, o que um exame crítico evidentemente não pode aceitar.

Por outro lado, os fatores de êxito de uma composição carnavalesca, dos mais variados e imprevisíveis, são freqüentemente extramusicais. A letra influi poderosamente pelo que tenha de anedótico, de humorístico ou mesmo de lírico e sentimental. O povo reencontra nelas os seus principais problemas humanos. Compensa-se, de algum modo, com essa transformação dos habituais motivos de sofrimento e desajustamento de toda ordem – sociais, morais, afetivos – em ruído extravasamento de alegria, transitória e deliberada, pouco menos que uma obrigação coletiva.

Também concorrem para a aceitação dos cantos carnavalescos as referências, em geral humorísticas ou picantes, a fatos do momento, por seu exclusivo valor de atualidade, muitas vezes com referência a personalidades políticas ou acontecimentos esportivos ou mesmo casos policiais. Neles se traduz um pouco de crônica da cidade. Sob esse aspecto encontra-se muito, na safra carnavalesca de cada ano, de sátira aos costumes, geralmente outro seguro elemento de garantia do "sucesso" que seleciona as composições desse tipo, independentemente do seu merecimento como criação musical.

Nos últimos anos, porém, a safra carnavalesca vem caindo de categoria. Nem sempre entre as produções que mais se cantam e mais agradam, nem entre as centenas de outras, que não têm vez nos bailes e nos cordões de rua, limitando-se a esporádicas aparições no rádio, seria possível identificar e destacar a obra-prima que, até há pouco, não faltava, não faltou, nunca, desde os tempos da saudosa e extraordinária maestrina Chiquinha Gonzaga, e passando por Sinhô, Pixinguinha, Donga, Caninha, José Francisco de Freitas, Noel Rosa, Ismael Silva (o "cidadão-samba" deste ano), Ary Barroso, Lamartine Babo, Heitor dos Prazeres, Haroldo Lobo, Luiz Sobrano – sem falar nos de produção menos copiosa, como, por exemplo, Kid Pepe e Rubens Soares, que vieram do box para o samba e seguiram, depois, outro destino, ou Pedro Caetano, mais da letra que da música, mas que, de parceria com Claudionor Cruz, excelente violinista e compositor, e com outros ainda, andou abafando em mais de um carnaval.

Pedro Caetano, entregue aos afazeres do comércio de calçado, ramo em que lançou uma espécie de "bossa nova", abandonou o carnaval e a música. Também o fizeram quase todos os veteranos citados, à exceção de Haroldo Lobo, que continua a concorrer. Outros grandes campeões de carnavais passados como Ataulfo Alves (autor de vários "clássicos" do gênero), Roberto Roberti, Roberto Martins, o caricaturista Nássara, Dunga (não confundir com o Donga, dos "Oito Batutas", já acima citado) são outros que, salvo engano, têm deixado de comparecer ao carnaval.

O mercado fica, assim, entregue a elementos sem tradição – para usar a linguagem comercial que, aliás, vai muito longe a essa forma de comércio. O resultado é que a maioria aplica umas tantas fórmulas e receitas, mais ou menos constantes, conseguindo gravar e até mesmo agradar, mas sem convencer.



Cartaz do carnaval carioca de 1899, do arquivo de Almirante

Nos dois ou três últimos anos, a qualidade da produção apresentada justificaria que se fiasse em decadência. Conseqüência e prova da afirmativa é a tendência, nos salões e nas ruas, a reviver cada vez com maior freqüência os vencedores de carnavais passados.

Este ano vai pelo mesmo caminho. Duas marchinhas, oriundas de programas de TV dominam francamente, sendo apenas aceitáveis. Em samba, ao que parece, nada. Os melhores autores abandonaram o campo aos adventícios e preferem agora dedicar-se a produzir na entressafra.

Coisas do carnaval (16/2/61)

Numa quarta-feira de cinzas, no Rio, ou se escreve sobre o carnaval, ou não há sobre o que escrever. Desde sexta-feira, há quase uma semana, cessaram os acontecimentos e as notícias. Já o sábado, embora abrangido pelo período de luto decretado pela morte do presidente Carlos Luz, amanheceu sob o domínio do espírito carnavalesco, resistente a tudo, às chuvas, como aos eternos e incorrigíveis defeitos de previsão e organização dos festejos no que toca à ação e interferência dos diversos órgãos do poder público. Defeitos por excesso ou por omissão, como sempre houve.

Todos os anos, as autoridades anunciam que será diferente. Há desfiles dirigidos ou controlados, para os quais se fixam horários rígidos, de modo a não submeter os participantes e o público à estafa de um pernoite, a bem dizer, "em serviço", na via pública. E todos os anos as autoridades podem mudar, e a desorganização continua; os desfiles arrastam-se penosamente, até as tantas da manhã seguinte. Este ano, o das escolas de samba foi até cerca das 10 da manhã, sendo de notar-se que isso não constitui um *record*.

Houve as reclamações de costume, contra a decoração da cidade, contra o policiamento, que pecou por um excesso de presença, tanto quanto pela ausência total, depois de certa hora. Não fosse a chuva, que reduziu a afluência popular, o trabalho seria, provavelmente, ainda maior.

Vitorioso em mais um carnaval, dizia o compositor Haroldo Lobo, na marchinha "Índio quer apito", "que... se não der, pau vai comer". Comeu, efetivamente, com certa freqüência, aplicado, ao que parece, em doses maciças pelos executantes de ordens, por certo, não emanadas das autoridades superiores responsáveis. Mas o certo é que comeu solto, em espetáculos sucessivos, amplamente divulgados pela televisão, na medida em que as respectivas câmaras puderam surpreendê-lo. Ocorreram nas ruas, como nos salões dos "distintos", sempre por obscuros motivos e com variadas e imprevistas conseqüências, ante a emoção acelerada dos locutores, que julgam dever sustentar a imagem com torrentes de palavras, inclusive bobagens e erros crassos. É um problema que não está ainda resolvido, o da técnica das reportagens da TV. Dir-se-á que também não foi nos domínios do rádio. Mas, aqui, a dificuldade é maior, porque as pausas e os silêncios tornam-se, de fato, inaceitáveis, uma vez que a palavra é tudo. Não é assim na TV, onde a reportagem esportiva, mais avançada que as de outro gênero, já evidenciou que é perfeitamente possível valorizar, até, a imagem, pela moderação do ritmo e mesmo por algumas pausas oportunas. É fácil verificar, através dos melhores exemplos, que a reportagem falada, na TV, será tanto mais apreciada quanto procure acrescentar à imagem os seus complementos invisíveis de informação e interpretação, sem se limitar a traduzir em palavras a própria imagem, que se basta a si mesma.

O acompanhamento verbal funciona, pois, como uma espécie de segunda voz e pode permitir-se uma interrupção, em benefício da justeza do comentário e da sua segurança, dispensando o chorrilho de palavras, que levam de permeio e de roldão algumas enormidades verdadeiramente alarmantes. É claro que nem a todas, a simples pausa de alguns segundos bastaria para evitar. Aquela, por exemplo, do comentário sobre certa escola de samba, cujo "enredo" versava sobre temas da vida e obra do Aleijadinho e que, depois de entrevistar uma das cabrochas da referida escola, que lhe deu a informação, conclui para o público: "Assim, veremos agora a obra dos Aleijadinhos" – essa, não teria remédio, nem salvação.

É possível, entretanto, que um momento de reflexão evitasse a referência à "comissão de frente" de uma das chamadas "grandes sociedades" nos termos em que foi feita: "... A 'comissão de frente' e seus cavalariços..."

Aliás, tais reportagens são feitas sem um mínimo de informação prévia, de conhecimento ao menos do próprio carnaval carioca e suas tradições. Tudo é improvisado no "vai-da-vals", pela inspiração de momento de locutores "safos", sem dúvida, mas evidentemente despreparados para manter o desejado sensacionalismo.

Não é de admirar que coisas como essas ocorram com a mais nova das formas de reportagem, quando se sabe que no jornal, a mais velha, há problemas análogos a resolver. No jornalismo, porém, há uma "escola", além dos cursos, que permite eliminar, mediante uma boa organização dos serviços, a maior parte dos erros graves, que podem ser cometidos. Há uma técnica, suscetível de ser ensinada e aprendida, que evita as enormidades. Sabe-se, teoricamente, o que se deve e o que não se deve fazer. Para este ramo mais novo da reportagem – a do rádio e da TV – a questão parece não ser apenas de selecionamento de pessoal e de organização do serviço, mas atinge a essência mesma das respectivas técnicas, que ainda não encontraram o seu melhor caminho.

AUTO-CRÍTICA

Quando romântico
inconformado
era o meu cântico
descabelado.

Sereno esteta
greco-romano
depois fui poeta
parnasiano.

E modernista:
meu verso lírico
mais que realista
já foi homérico.

Hoje, entretanto, meu verso quero
do sentimento de toda gente
fácil, sem arte, rude, fatal,
de frases feitas, como os de Homero,
e com a força secreta e ardente
dos grandes sambas de carnaval.

Pedro Dantas